

## **O caso de Mariana-MG: Análise da cobertura midiática sobre o maior desastre ambiental do Brasil<sup>1</sup>**

Cláudia Maria de Moura Santos<sup>2</sup>

Alessandra de Falco<sup>3</sup>

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

### **Resumo**

Este artigo tem o objetivo de comparar as coberturas midiáticas sobre o rompimento da barragem da Samarco, em Mariana - MG, os seus desdobramentos e suas consequências, feitas por um veículo de comunicação tradicional e um especializado em Jornalismo Ambiental, utilizando como ferramentas de análise o enquadramento. Os portais de notícia escolhidos foram *GI* e *O Eco*. Uma das conclusões da pesquisa é que as notícias do *GI* são de cunho factual, com dados oficiais como fontes e temas das matérias, enquanto que *O Eco* se aprofunda criticamente na discussão sobre as consequências, principalmente ambientais.

**Palavras-chave:** Cobertura midiática; Enquadramento; Rompimento da barragem da Samarco.

### **1. Introdução**

O termo “desastre” é definido, segundo a ONU, como (STEINBERGER-ELIAS; SILVA, 2016, p. 83) “[...] graves perturbações do funcionamento de uma comunidade ou de uma sociedade envolvendo perdas humanas, materiais, econômicas ou ambientais de grande extensão [...]”. O rompimento da barragem de rejeitos de Fundão, da mineradora Samarco, no dia 05 de novembro de 2015, no distrito de Bento Rodrigues, na cidade de Mariana-MG foi construído pela mídia assim, como um desastre.

O evento causou a morte de 19 pessoas e perdas socioambientais e econômicas aos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O distrito da cidade de Mariana, Bento Rodrigues, foi devastado e desapareceu soterrado pela lama (LOPES, 2016). Paracatu de Baixo, outro distrito de Mariana, também foi atingido pela lama e foi parcialmente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSJ, email: [claudiamaria\\_moura\\_santos@yahoo.com.br](mailto:claudiamaria_moura_santos@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSJ, email: [alessandrafalco@ufsj.edu.br](mailto:alessandrafalco@ufsj.edu.br).

destruído. A lama continuou seu caminho pelo Rio Gualaxo do Norte, é atingiu a cidade de Barra Longa. Posteriormente a lama atingiu o Rio do Carmo e chegou ao Rio Doce (FERRAZ; PRADO, 2015).

No Doce, a lama de rejeitos da barragem desceu destruindo a fauna e flora, e tudo que encontrava pelo caminho, até desembocar no oceano pelo litoral do Espírito Santo. A lama atingiu um total de 880 km de rios e afetou direta ou indiretamente 4 milhões de pessoas, segundo Weinmann (2016).

Questionamentos sobre o enquadramento genérico e tendenciosos dado pela grande mídia ao caso do rompimento da barragem de Mariana-MG foram levantados pela população, principalmente via redes sociais. Esses questionamentos sobre qual foi a imagem construída pela mídia sobre o desastre de Mariana levaram ao objetivo desta pesquisa, que busca, através da análise de enquadramento proposta por Entman (*apud* GUTMANN, 2006), contrastar os discursos de uma mídia especializada em jornalismo ambiental e um veículo de comunicação com origens na mídia tradicional, e descobrir quais pontos foram salientados e quais foram ocultados nesse evento específico. Os portais escolhidos para a análise foram *O Eco* e o *GI*. O estudo também buscou abordar a bibliografia já publicada sobre desastres ambientais na mídia e sobre o caso específico de Mariana.

## 2. Metodologia

Uma tragédia dessa proporção da que atingiu Mariana, atraiu os olhos de veículos de comunicação do Brasil inteiro, que se deslocaram até a cidade para fazer a cobertura de um dos maiores desastres socioambientais que já assolaram o mundo. A produção de conteúdo noticioso sobre esse fato foi proporcionalmente abundante à dimensão do mesmo. Desse modo, essa pesquisa buscou a resposta para a seguinte questão-problema: Como a mídia realizou a cobertura do maior desastre ambiental do Brasil, que aconteceu em Mariana--MG?

O *corpus* deste estudo constitui-se de notícias veiculadas no *GI*<sup>4</sup>, portal de notícias online das *Organizações Globo*, que, segundo seu *mídia kit*, é o líder em audiência na categoria notícias; no *O Eco*<sup>5</sup>, site de jornalismo ambiental feito pela ONG brasileira *O Eco*, que se define como um site sem fins lucrativos e sem vinculação com

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/>>. Acesso em: 13 abr. 2017

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

partidos políticos, empresas ou qualquer grupo de interesses. O conteúdo do site é produzido por uma rede de jornalistas e colaboradores que trabalham de forma voluntária ou em tempo parcial.

Dentre a diversidade teórica no campo de estudos dos efeitos da mídia, o conceito clássico de *agenda setting*, segundo Gutmann (2006), sustenta que as pessoas compreendem a maior parte da vida social embasados pelos assuntos pautados pela mídia. Segundo McCombs (*apud* ROSSETTO; SILVA, 2012), quanto maior a necessidade de orientação de um cidadão no âmbito de assuntos públicos, maior se torna a probabilidade de que o mesmo preste atenção na agenda dos meios de comunicação.

No começo da década de 1990, segundo Gutmann (2006), começam a ser formuladas teorias que pensavam em uma segunda fase da *agenda setting* ou *agenda setting* de atributos, na qual a mídia além de influenciar o que pensar, também indica como pensar. Isso, através de acentuação ou omissão de alguns aspectos dentro da notícia. Assim, a segunda fase da teoria do agendamento se caracteriza como o modo em que a mídia iria enfatizar certos aspectos dentro de um fato narrado, segundo Gutmann (2006).

Para complementar a teoria do agendamento, o conceito de *framing* ou enquadramento, refere-se a moldura que os veículos de comunicação estabelecem sobre determinado assunto. Segundo Gonçalves (2011), foi o antropólogo e epistemólogo da comunicação Gregory Baterson quem introduziu a noção de frame nas ciências sociais e humanas. Gonçalves (2011, p. 158) acrescenta que, para Baterson, enquadrar significa: “[...] delimitar um conjunto de mensagens (ou ações significativas) que adquirem sentido na situação partilhada pelos interlocutores. É o enquadramento que nos permite, por exemplo, distinguir simulação de realidade; distinguir o jogo do seu referente real”.

Gaye Tuchman (*apud* POZOBON; SCHAEFER, 2015, p. 123), incorporou aos estudos do jornalismo o conceito de enquadramento “[...] como parte de uma perspectiva mais ampla do entendimento da atividade jornalística e do seu papel no processo de construção social da realidade”. Gaye Tuchman (*apud* GUTMANN, 2006) relaciona os enquadramentos dados pelos meios de comunicação aos princípios organizacionais e às rotinas de produção do jornalismo, pois o profissional precisa identificar e classificar rapidamente as informações, para que assim possa “empacotá-las” para a audiência.

Outro autor que pensou o conceito de enquadramento foi Robert Entman (*apud* GUTMANN, 2006, p. 32) que define que:

[...] enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazer eles mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para o item descrito.

Entman (*apud* GUTMANN, 2006, p. 32) apresenta cinco elementos para a identificação de um enquadramento em uma reportagem: palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens. Sendo assim, “[...]o *framing* pode ser identificado com observações de imagens visuais e repetições de palavras que queiram tornar ideias mais salientes que outras”. Desse modo, o *framing* seria um caminho para entender o “poder” da mídia, segundo Gutmann (2006).

Optou-se assim por utilizar o conceito de enquadramento dado por Robert Entman (*apud* GUTMANN, 2006) como método, em busca da solução da problemática desta pesquisa. Dessa forma, são utilizados três dos cinco elementos elencados por Entman (palavras-chave, conceitos e imagens) para identificar quais os *framing* foram utilizados pelo portal *GI* e *O Eco* na construção da imagem do desastre de Mariana.

O material utilizado como *corpus* desta pesquisa foi coletado durante o mês de setembro de 2016. No portal *GI* foram coletadas 945 notícias publicadas entre as datas de 05 de novembro de 2015 à 07 de setembro de 2016. No *O Eco*, foram encontradas 29 notícias com data de publicação de 11 de novembro de 2015 à 30 de maio de 2016. Definiu-se assim, como período de análise, os seis meses posteriores ao rompimento da barragem de Fundão.

Devido a abundância de material coletado e da heterogeneidade do mesmo, estabeleceu-se categorias para a seleção das notícias analisadas. A princípio, as categorias eram: Primeira notícia publicada sobre a tragédia; quinze dias depois; um mês depois; um mês e meio depois; dois meses depois; três meses depois; quatro meses depois; cinco meses depois; e seis meses depois da tragédia. Contudo, no mês de março, *O Eco*, não publicou nenhuma notícia sobre o caso de Mariana, desse modo a 7ª categoria de análise não foi feita.

Ainda no momento da seleção das notícias, alguns ajustes foram necessários. O fato do *O Eco* não apresentar uma regularidade nas publicações sobre o ocorrido, fez com que as matérias selecionadas fossem com data de publicação mais próxima das categorias citadas acima. Devido a essas características, as notícias escolhidas para a análise foram feitas primeiro no *O Eco* e, posteriormente, foram selecionadas notícias do *GI* que abordavam temas parecidos com as d’*O Eco*.

Assim, foi considerado para essa pesquisa o *framing* da mídia, uma vez que o mesmo diz respeito ao enfoque dado pelos veículos de comunicação a algum tema. Segundo Goffman (*apud* Carvalho 2009), o enquadramento serve para analisar como cada indivíduo participa subjetivamente em uma dada situação social, não é apenas um conceito sobre a organização estrutural da sociedade.

### **3. Os discursos sobre desastres ambientais no Brasil**

Delevati (2013) aponta que a cobertura de desastres ambientais é um desafio às práticas jornalísticas, por quebrarem suas rotinas de produção, sendo assim, muitas vezes por não saber lidar com o tema, a mídia faz uma cobertura sensacionalista, apelando para o emocional, e não analisa o caso em sua profundidade. Hubert et al. (2012) salienta que nas coberturas midiáticas de desastres no Brasil é comum que a mídia enfoque às vítimas das tragédias e as ações solidárias, mais do que o fato em si.

No fazer jornalístico, a busca pelas fontes é o primeiro passo para a construção da reportagem. No caso do noticiário sobre questões que envolvem o meio ambiente, o uso das fontes auxilia o jornalista a apreender temas complexos como argumenta Pozobon e Miranda (2012). Ainda segundo as autoras a escolha das fontes também podem representar o grau de compreensão que o jornalista têm sobre o tema. Amaral (2011) indica que as fontes jornalísticas ajudam na constituição do fato e no enquadramento da notícia, através de relatos que envolvem conhecimento, poder, experiência, vivências e emoções.

Hubert et al. (2012) analisam quais são as fontes recorrentes e o seus papéis nas coberturas jornalísticas sobre catástrofes ambientais durante o ano de 2011 nas revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*. Os autores, concluem que as fontes de testemunhos são mais recorrentes em coberturas de tragédias, pois a experiência de quem viveu ao fato é singular e o enquadramento dramático dado a essas matérias e conseguido dessa forma. As fontes de experts são convocadas nos textos jornalísticos para auxiliar na

compreensão dos fatos e, muita das vezes, determinam o enquadramento do texto. As fontes de autoridades, por sua vez, tem suas falas usadas de forma dissimulada como se os mesmos não tivessem responsabilidades perante a catástrofe.

Pozobon e Miranda (2012), também concluem em que quando se trata de cobertura jornalísticas sobre desastres ambientais é tragédias humanas, as fontes de caráter testemunhais são mais recorrentes, e ressaltam ainda que essas escolhas são um ponto inicial para se entender o enquadramento da notícia.

#### **4. Estudos sobre o desastre de Mariana**

A princípio, a forma como a mídia conduziu a cobertura do caso de Mariana gerou indagações sobre uma possível omissão da mesma. Segundo Rocha (2016), jornais como *O Globo* e *Folha de S. Paulo* apresentaram um jornalismo “contrário ao interesse público” ao omitirem informações essenciais, tais como os verdadeiros responsáveis e as medidas de segurança que não existiam e não foram tomadas pela mineradora Samarco, além de terem tido um descaso na forma como dispuseram as notícias em seus periódicos. Contudo segundo Rocha (2016), surgiram discursos nas redes sociais que questionaram a forma como os grandes veículos de comunicação trataram o desastre, esses foram essenciais para desconstruir o discurso da Samarco.

Outro estudo acerca do rompimento da barragem de Mariana foi de Ferracioli e Fontes (2016), que analisaram os portais de notícias brasileiros *GI*, *R7* e *UOL* acerca do enquadramento dado pelos mesmo ao caso. O estudo conclui que os portais de notícias não mantiveram uma mesma visão sobre o acontecido, variando nas definições de problemas, causas, julgamentos morais e soluções. Porém, segundo os autores os enquadramentos não foram ousados.

Rios (2016), em seu estudo que visa analisar quais foram as projeções imagéticas construídas pela *CNN* e *The New York Times* sobre o desastre de Mariana. Segundo o autor, no dia do rompimento da barragem a *TV CNN*, não deu nenhuma notícia sobre o desastre. No dia seguinte duas matéria saíram nos jornais da rede. A 1ª em um jornal de acontecidos internacionais, que usa um tom de espetacularização, é transforma o caso em uma tragédia. A segunda notícia saiu em um jornal de economia, onde os acionista das empresas tem espaço, assim como suas causas e vítimas. A *CNN*, para o autor adota um tom crítico ao fato.

---

O *The New York Times*, no dia do acidente publicou três notícias do site, porém todas de agências. No dia seguinte, uma matéria da sucursal do jornal no Rio de Janeiro foi publicada. O texto adota um tom sombrio, sem uso de adjetivos, o que faz o leitor não assumir nenhum dos lados, como ressalta o autor. Segundo Rios (2016), essa cobertura tímida sobre o rompimento da barragem pode ter acontecido, porque o Brasil não faz parte da cadeia global de notícias.

### **5. Análise do G1**

A 1ª matéria é do dia 05/11/2015, “Barragem se rompe, e enxurrada de lama destrói distrito de Mariana<sup>6</sup>”. A lama é tratada como uma “enxurrada” e a mesma “destrói”, o rompimento é tratado como “acidente”. A lama “inundou” casas e deixou “desabrigados”. O texto destaca o posicionamento da Samarco, que afirma que o plano de ação emergencial da empresa foi acionado imediatamente. O Governo Estadual, classifica o rompimento como um “desastre”, é o Ministério Público, irá instaurar um inquérito civil para identificar as “[...] causas do acidentes e propor uma ação contra os responsáveis”. A matéria possui cinco vídeos, uma reportagem do *Jornal Nacional*, uma entrevista com uma das fontes e o pronunciamento do presidente da Samarco, os outros dois vídeos não estão mais disponíveis. Duas fotos compõem a matéria, uma dos desabrigados na arena de Mariana e outra da destruição de Bento Rodrigues. Um infográfico com a localização da barragem, com o possível deslocamento da lama pelo Rio Doce, e detalhes de como o rompimento teria acontecido, também compõe a matéria.

A 2ª matéria tem data de 24/11/2015, “Rio Doce e o caminho da lama - Dia 1: biólogos resgatam tartarugas no ES<sup>7</sup>”. É um especial produzido pelo G1, onde seus repórteres percorreram cidades “atingidas” pela lama para mostrar as como estão as pessoas “afetadas” pela “queda” da barragem. O primeiro destino é o distrito de Regência, Linhares-ES, onde os curiosos corriam para ver o “estrago no mar”. A matéria é composta por quatro retrancas, com pequenos textos introdutórios, e de vídeos curtos com entrevistas de pessoas que estão envolvidas com a chegada da lama na região. A matéria assim é composta com quatro vídeos, dos quais três são de entrevistas e o outro é sobre o processo dos biólogos de tirarem os filhotes de tartaruga do ninho.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://goo.gl/GmIzrJ>. Acesso em: 28 mar. 2017.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://goo.gl/4tzQSY>. Acesso em: 28 mar. 2017.

Uma foto da lama invadido um mangue também faz parte da matéria, além de um infográfico com o destino da expedição.

A 3ª matéria, “Pesquisadores resgatam peixes no ES para poder garantir a vida no Rio Doce<sup>8</sup>” tem data 05/12/2015. E sobre a iniciativa de pesquisadores do Instituto Chico Mendes em resgatar espécies nativas das regiões do Rio Doce “afetada” para “garantir” e “recuperar” novamente o rio em caso de “extinção local”. A morte de três toneladas de peixes só no Espírito Santo é considerada um “desastre”. A lama desceu como uma “enxurrada” e “inundou” casas, as pessoas foram “impactadas” pelo “desastre ambiental”. A matéria conta com uma reportagem da afiliada da *Rede Globo*, *EPTV*, e uma foto de um dos tanques onde estão as espécies de peixes.

A 4ª matéria, “Samarco não assina termo de compromisso proposto pelo MP<sup>9</sup>” tem data de 09/12/2015. A matéria é sobre a Samarco não ter “cumprido”, dentro do prazo, a assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta que garantiria “direitos emergenciais à população atingida”, como o auxílio moradia e financeiro. O posicionamento da empresa e destacado na notícia, “embora não tenha assinado na data de hoje Termo de Compromisso proposto, continua analisando e discutindo os seus termos com o Ministério Público”. A matéria contém uma foto de Bento Rodrigues destruído pela lama.

A 5ª matéria é dia 07/01/2016, “Lama que vazou de barragem deve ter chegado ao sul da Bahia, diz Ibama<sup>10</sup>”. No título, opta por dizer que a lama pode ter chegado ao sul da Bahia, porém, no primeiro parágrafo vem a informação mais relevante da matéria, que a lama pode ter chegado ao “arquipélago de Abrolhos”, isso dois meses depois de a ministra do Meio Ambiente da época dizer que não tinha “expectativas” que a “enxurrada” de lama chegasse a região. A matéria conta com dois vídeos, uma nota seca do Jornal Nacional do dia da coletiva e uma fala da coletiva da presidenta do IBAMA.

A 6ª matéria, “Comunidades afetadas por barragem de Fundão discutem acordo em BH<sup>11</sup>” é do dia 29/02/2016. É sobre a reunião de representantes das comunidades

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/PXXP9v>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/pehvHV>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/GbaV91>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/RMJP5d>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

“afetadas” pelo “mar de lama”, para discutir o acordo coletivo firmado entre Samarco, suas controladoras, a União e os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O texto do acordo “[...] que está em fase final de elaboração, propõe 39 programas socioambientais”. O acordo, segundo a matéria, prevê “[...] a reconstrução das comunidades afetadas pela tragédia, a proteção e a recuperação da qualidade de vida dos povos indígenas, a assistência aos animais, a preservação da memória histórica, retomada das atividades agropecuárias e a diversificação da economia regional”. A matéria conta com duas fotos, uma da reunião e outra de arquivo do Rio Doce.

A 7ª matéria, “Relatório da Marinha indica presença de metais na foz do Rio Doce<sup>12</sup>” é do dia 20/04/2016. É sobre a divulgação do resultado de um relatório da marinha que “indica” a presença de “quatro metais pesados”, altamente concentrados na foz do Rio Doce, porém, segundo a própria matéria, “[...] o resultado não aponta que a contaminação veio dos rejeitos da lama”. O posicionamento da Samarco, na matéria é que a mesma “não teve acesso ao relatório”, e que em seus testes não há ocorrências. A matéria contém uma foto do encontro do Rio Doce com o mar no Espírito Santo.

A 8ª matéria é do dia 16/05/2016, “Ministro do Meio Ambiente sobrevoa área afetada por desastre em Mariana<sup>13</sup>”. É sobre a visita aérea do novo ministro do Meio Ambiente à “área afetada” e nos locais “atingidos” pelo “desastre ambiental” que “destruiu” Bento Rodrigues. A visita do ministro foi realizada para a elaboração de um relatório final sobre as providências “adotadas” após a “tragédia”, e que seria entregue aos governadores dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. A matéria conta com uma foto de Bento Rodrigues destruída.

## **6. Análise de *O Eco***

No *O Eco*, a 1ª matéria tem data de 11/11/2015, “No encontro com o mar, lama passará por unidades de conservação marinhas<sup>14</sup>”. É sobre os danos que a lama da barragem poderá causar em Unidades de Conservação Marinha (UCM) até desembocar no mar. O objetivo da retirada dos “ninhos” de tartarugas da foz do Rio Doce pelo Projeto Tamar é evitar a “contaminação” das tartarugas pelos “resíduos tóxicos” da barragem. Além dessa medida, a prefeitura de Linhares, junto com o projeto Tamar,

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/c4WKyP>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/QSpqZe>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/UejgSJ>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

também estavam construindo um canal de desvio para que a “água suja” não atingisse a área de “restinga” e fosse direto para o oceano. A matéria contém duas fotos, uma de Bento Rodrigues “destruído” e outra das obras.

A 2ª matéria, “No rastro do desastre da Samarco, da lama ao caos<sup>15</sup>”, tem data de 24/11/2015, e é um relato de um fotógrafo que, junto com a equipe do Greenpeace, iria documentar o “desastre” oito dias depois. O objetivo era documentar a “estrageira” que “[...] os milhões de metros cúbicos de lama com rejeitos minerais devastaram o Rio Doce e seguiam pelo seu leito em direção ao oceano”. O repórter relata que era possível, mesmo de longe, ver a “magnitude da tragédia” e o “cenário apocalíptico” do lugar. Em Governador Valadares, o Rio Doce, única forma de abastecimento de água foi “tomado pela lama tóxica, não era mais possível tratar sua água”. O repórter conclui o texto com sua impressão sobre a “[...] devastação humana e ambiental” que presenciou. A matéria conta com uma galeria de 16 fotos da impressão do fotógrafo dos lugares por onde passou.

A 3ª matéria, “É hora de preservar os afluentes para repovoar o Rio Doce, diz biólogo<sup>16</sup>”, é do dia 01/12/2015, e é a entrevista de um biólogo que participou da captação dos peixes nativos do Rio Doce, a convite do IBAMA, antes da chegada da lama, para “repovoar” o rio no futuro. A lama vinha “causando morte rio acima” e a iniciativa tinha a intenção de salvar uma “amostra do que sobrou”. O “estrageira” maior, segundo o biólogo, foi em Minas. A fauna de peixes foi “afetada” e “quase aniquilada” pelo “acidente”. O rompimento da barragem para o jornalista de *O Eco* foi a “tragédia ambiental da Samarco”. A matéria contém duas fotos, uma do biólogo e outra das barreiras que tentaram conter a lama no Rio Doce.

“Onde estão as ‘medidas inovadoras’ do pior desastre ambiental do Brasil?<sup>17</sup>” é o 4ª matéria e tem data de 17/12/2015. e é um artigo de opinião de um procurador de justiça em direito ambiental. Logo no título, o acontecido é classificado como o “pior desastre ambiental do Brasil”, que causou “danos ambientais gravíssimos”. A Samarco e suas controladoras, segundo o autor, são “acintosas”, pois não reconhecem sua culpa no “acidente” uma vez que a Samarco se recusou a assinar um termo de ajustamento de

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/XXFZv8>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/ap4Omm>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/G2cXiy>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

conduta do Ministério Público. Mesmo que o acontecido seja classificado como a “[...] maior tragédia ambiental da história da América Latina”, as três empresas “permanecem prepotentemente impassíveis, confiam em seu poderio econômico de convencimento”. O texto conta com uma foto da destruição de Bento Rodrigues.

A 5ª matéria é do dia 08/01/2016, “Lama da Samarco chega em Abrolhos, diz Ibama<sup>18</sup>”. No título da matéria opta por usar uma afirmativa, de que a lama “chega” a Abrolhos, porém a primeira frase do texto deixa uma dúvida sobre essa afirmativa, pois a mancha marrom “provavelmente vinda dos rejeitos das barragens da mineradora Samarco”, atingiu a região. A primeira retransmissão é sobre Abrolhos e os impactos sobre o santuário que “ainda seriam calculados”. A matéria contém uma foto da coletiva da presidente do IBAMA.

A 6ª matéria é do dia 23/02/2016, “Samarco, Vale e BHP vão decidir quem e como indenizar por desastre<sup>19</sup>”, foi originalmente publicada na *Agência Pública*<sup>20</sup>. A reportagem trata da antecipação da “minuta” do acordo extrajudicial que seria firmado entre Samarco e suas controladoras, os Ministérios Públicos Federal e Estadual de reparação de danos causados pelo “desastre” de Mariana. Segundo a reportagem, as empresas “[...] terão o poder de decidir sobre quem será indenizado e sobre quanto cada pessoa ou família vai receber”. Há várias críticas ao acordo, como a definição de que as empresas ficarão responsáveis por “reparar” e “compensar os danos socioambientais e socioeconômicos” a cada um dos “atingidos”. Há falta de “garantias” que o acordo traria, uma vez que a Fundação criada pelas empresas seria a responsável por cadastrar os “atingidos” pelo rompimento da barragem e estipular os valores das indenizações, sem que obrigatoriamente o governo fiscalize esse processo. O acordo também irá contemplar os indígenas atingidos pela lama. Para essa população, o acordo prevê a criação de um programa de proteção que visa a melhoria da qualidade de vida dos índios. Contudo, não foram criadas diretrizes para direcionar esse processo. A reportagem é ilustrada por três fotos de lugares distintos, mas que foram atingidos pela lama, e também conta com o arquivo do acordo como anexo, mostrando que *O Eco*, traz conteúdo além do jornalístico.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/ITF0PT>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/FfqH0a>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/azpbsc>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

---

A 7ª matéria, “Laudo indica metais cancerígenos na foz do Rio Doce<sup>21</sup>” tem data de 16/05/2016, e é sobre um laudo divulgado pela ICMBio que indica a presença de três metais cancerígenos acima dos níveis permitidos no Rio Doce. Segundo um professor da Universidade Federal do Rio Grande, esses metais em excesso podem “[...] causar câncer em vertebrados marinhos”. Uma ressalva da matéria e que a pesquisa, “não é suficiente para determinar se a contaminação foi provocada pelo desastre”. O texto conta com uma foto de Abrolhos.

A 8ª matéria, “Em visita a Mariana, Sarney Filho não autoriza volta da Samarco<sup>22</sup>” e tem data de 17/05/2016, e é sobre a visita do novo ministro do Meio Ambiente à Mariana e que o mesmo não permitiu a volta da operação da Samarco na cidade. O rompimento da barragem ocasionou “[...] o maior acidente ambiental da história do país”. O ministro justifica que a Samarco só poderá voltar a operar quando “[...] o episódio do desastre estiver encerrado”. O ministro se encontrará com os governadores de Minas Gerais e Espírito Santo, para a entrega do relatório elaborado pela comissão da Câmara que “responsabiliza a Samarco pela tragédia e suas consequências”. A notícia conta com uma foto de Bento Rodrigues destruído.

### **7. Considerações Finais**

Ao final da análise proposta por essa pesquisa foram alcançadas algumas conclusões sobre qual foi o enquadramento utilizado por uma mídia tradicional é uma mídia especializada, na cobertura do desastre de Mariana. A princípio ficou evidente que quantitativamente o *GI* produziu uma cobertura muito mais ampla do que *O Eco* sobre o rompimento da barragem da Samarco. Isso porém já era esperado, tendo em vista que o *GI* é um portal de notícia pertencentes ao 17º maior conglomerado de mídia do mundo<sup>23</sup>, enquanto a maior parte do conteúdo jornalístico do *O Eco* é produzida por voluntários.

Na análise dos textos, a primeira impressão notada foi a diferença do tom das notícias utilizado pelos portais. Todas as matérias analisadas do *GI* eram baseadas no factual, com dados públicos e fontes na maioria das vezes oficiais, e não tinham muito espaço para discussões mais aprofundadas sobre os temas. No *O Eco*, por sua vez, a

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/L5c8qW>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/FbNZZy>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/W7DIB1>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

primeira impressão passada foi que as matérias tinham um caráter mais na denúncia e na análise mais aprofundada sobre o rompimento da barragem e os seus desdobramentos. O uso de especialistas era mais recorrente que o de fontes oficiais. Essa característica mostra que o veículo especializado, estava preocupado em questionar a “versão oficial” dos fatos, levando o leitor a ver o fato de uma forma crítica.

Outro ponto que chamou a atenção no *GI* foi que em sete matérias de oito analisadas, foi colocado entre vírgulas que Vale e BHP eram as controladoras da Samarco, e na maioria de suas matérias havia a versão por meio de nota da Samarco sobre o fato tratado na notícia. O nome da empresa só foi usado em um dos títulos das matérias. Isso mostra que para o *GI* era interessante manter em um segundo plano os responsáveis pelo rompimento da barragem. No *O Eco*, a lama, o desastre, eram de responsabilidade da Samarco, o nome da empresa vem em metade dos títulos de matérias analisadas do portal, sempre acompanhados de verbos fortes. Vale e BHP, só são lembradas como sendo controladoras da Samarco em metade das matérias analisadas, mostrando que mesmo sendo lembrado em quase todos os textos que o desastre é causado pela Samarco, o nome das co-responsáveis é omitido em metade das matérias analisadas.

Essa cobertura, que tende a omitir alguns pontos e salientar outros, é preocupante. Segundo Gonçalves (2011), os enquadramentos midiáticos são princípios básicos que organizam nossas experiências, e não definem apenas como interpretamos as situações, mas nossa interação com os outros. Em síntese, estruturam nossa experiência com o real. É num caso como o de Mariana, onde o desastre causou perdas humanas, históricas, sociais e ambientais, que enquadramentos limitados e tendenciosos podem fazer com que o leitor não tenha a real dimensão do que foi e quem causou essa tragédia. E isso é alarmante quando o site *Globo.com*, onde o *GI* está hospedado, é o sexto site mais acessado do Brasil<sup>24</sup>.

Essa pesquisa não buscou esgotar todas as possibilidades que os estudos sobre os enquadramentos midiáticos no caso de Mariana, proporcionaram, ao contrário, o contato com a quantidade de material noticioso produzida sobre esse caso específico se mostra uma janela em aberto para futuros estudos acadêmicos sobre mais efeitos da

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/aM7GLR>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

mídia, sobre a audiência e outros veículos de comunicação que cobriram (e ainda cobrem) o fato .

### Referências

CARVALHO, Carlos Alberto de. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. **XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Rio de Janeiro – RJ, de 7 - 9 de mai. de 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/r9UWxm>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

DELEVATI, Amanda. Campos sociais na cobertura de desastre: uma análise da revista Istoé na tragédia da região serrana do Rio de Janeiro. **XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. S. Cruz do Sul - RS – 30/05 a 01/06/2013. Disponível em: <<https://goo.gl/Ku8fzU>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

FERRACIOLI, Paulo; FONTES, Giulia Sbaraini. Molduras de uma tragédia anunciada: Enquadramentos do Desastre de Mariana. **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Curitiba – PR 26 a 28/05/2016. Disponível em: <<https://goo.gl/GEIxr>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

FERRAZ, Lucas; PRADO, Avener. O caminho da lama. **Folha de S. Paulo**. 02/12/2015. Disponível em: <<https://goo.gl/Vj6dsU>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

GONÇALVES, Telmo. A Abordagem do Enquadramento nos Estudos do Jornalismo. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, [S.l.], n. 5/6, jul. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/y2zAtJ>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

GUTMANN, Juliana Freire. Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível do agenda-setting?. **Contemporanea** – Vol. 4, nº 1 p.25-50. Junho 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/45htky>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

HUBERTY, Daniela Silva; SEERIG, Giuliana Matiuzzi; SENHORINHO, Jean Machado; AMARAL, Márcia Franz. Análise das fontes jornalísticas nos acontecimentos das catástrofes ambientais. **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Chapecó – SC, 31/05 a 02/06/2012. Disponível em: <<https://goo.gl/FRU2nc>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

LOPES, Luciano M. N. O rompimento da barragem de Mariana e seus impactos socioambientais. **Revista Sinapse Múltipla**. PUC Minas, Jun. 1-14, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/bgulqq>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

POZOBON, Rejane Oliveira; MIRANDA, Clarissa Mazon. Protocolo de análise para classificação das fontes jornalísticas em mídia impressa: uma ferramenta para o estudo do enquadramento. **Revista ALCEU**. V. 12 - n.24 - p. 16 a 30 - jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/A4bOUA>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

\_\_\_\_\_; SCHAEFER, Ricardo. Perspectivas contemporâneas das pesquisas sobre enquadramento: uma proposta de sistematização conceitual. **Revista Interin**. Curitiba, v. 19. n.1. p. 120-135, jan./jul. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/rmDT9U>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

RIOS, Ricardo Matos de Araújo. A repercussão internacional do acidente de Mariana no The New York Times e na CNN. **3º Seminário de Relações Internacionais: Graduação e Pós-**

---

**Graduação.** Florianópolis (SC), 29 e 30 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/Lf26Z0>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

ROCHA, Rogério Lannes. Os negócios da mídia e a comunicação da saúde. **Cad. Saúde Pública.** Rio de Janeiro, fev. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/UnCDxk>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

ROSSETTO, Graça Penha Nascimento; SILVA, Alberto Marque. Agenda-setting e Framing: detalhes de uma mesma teoria? **Revista Intexto.** Porto Alegre, UFRGS, n.26, p. 98-114, jul. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/4fE5P2>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

STEINBERGER-ELIAS, Margarethe Born; SILVA, Ariana Moura da. Educação e Tecnologias da linguagem para comunicação de desastres. **Revista C&S – São Bernardo do Campo**, v. 3, n. 2, p. 73-102. Maio/ago. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/EbeRN2>>. Acesso em: 12 out. 2016.

WEINMANN, Guilherme Cunha. Tragédia anunciada: Considerações sobre o crime da Samarco (Vale/BHP Billiton) no rio Doce. **RETC - Revista Eletrônica de Tecnologia e Cultura.** Edição 19ª, Outubro de 2016. Disponível em: <<http://201.55.32.167/retc/index.php/RETC/article/view/331>>. Acesso em: 11 abr. 2017.